

R E V I S T A

Veredas

EDUCACIONAIS

Edição Nº 12
Novembro / 2023

Uma publicação:
prospecta
Estratégia Educacional



Inteligência Artificial na educação: desafios e oportunidades

Página 16

EDUCAÇÃO

**Cenários da
Educação Básica
e a força da
espiritualidade**

Página 06

GESTÃO

**Planejando um
2024 de sucesso
para a minha
escola**

Página 10

PEDAGOGIA

**O papel do
professor na
formação da
cosmovisão
do estudante**

Página 22

ESCOLA

**Escola cristã:
ambiente de
amor, respeito
e sensibilidade**

Página 26

Cadastre-se para receber muito mais informações no Portal Veredas Educacionais



- Notícias
- Escolas cristãs
- Legislações
- Agenda
- Inovação
- Artigos
- Gestão escolar
- Materiais para download
- Associações de escolas
- Enquetes
- Capelania
- E muito mais!

Você também
poderá enviar
**o que é
destaque em
sua escola ou
associação**

Cadastre seu e-mail e WhatsApp em:

www.revistaveredas.com.br

REVISTA
Veredas
EDUCACIONAIS

prospecta
Estratégia Educacional

Marketing educacional

Para **escolas cristãs**
de todos os tamanhos

Plano **Compartilhado**
e **Individual** de
comunicação e marketing

Campanha de matrículas

Mídias sociais

Website

Marketing Digital

Comunicação Interna

Saiba mais em
prospecta
educacional.com.br



(27) 98115-5312

(27) 99256-6767



EDITORIAL

A educação com o crescimento da Inteligência Artificial



O processo educacional é construído e formulado através do tempo, e para isso grandes desafios tendem a ser enfrentados, indo além do próprio ato de educar, como: a escolha de materiais didáticos, metodologias, gerenciamento de verbas, infraestrutura, gestão, formação do docente, entre muitos outros aspectos indispensáveis para a formação de uma boa educação.

A educação atual apresenta um cenário de extrema desigualdade, onde, de um lado, lidamos com instituições escolares sem estrutura física adequada para o ensino básico e, do outro, ambientes desenvolvidos com a mais alta tecnologia. Em pleno século XXI, a educação contemporânea se assemelha à do século XIX.

Nesse cenário de desigualdades agora somos surpreendidos com a inovação do uso da Inteligência Artificial (IA) em nossas relações de trabalho e processo de aprendizagem.

Expediente

prospecta

Estratégia Educacional

Revista Veredas Educacionais

DiretoresRogério Moreira Scheidegger
Leonardo Ribeiro de Oliveira**Coordenação Geral**

Leonardo Ribeiro de Oliveira

Textos / Revisão

Nycole Sabino

Projeto Gráfico / Design

Márcio Nunes

Colaboradores desta edição:

Débora Bueno Muniz, Luciano Sathler, Dinart Barradas, André Aragão Viana, Daniela Beraguas, Lilian Neves, Raquel Tiburski, Ana Carolina Junqueira, Beatriz Carpenter, Márcia Regis e João Ricardo Pereira.

Fotografias

Imagens e de divulgação e Freepik.

Contatos comerciais:comercial@prospectaeducacional.com.br
www.revistaveredas.com.br**Uma produção:**Prospecta Estratégia Educacional
www.prospectaeducacional.com.br**Endereço:**Rua Cândido Portinari, 27 - sls
806/807 Santa Luiza - Vitória /ES
Cep 29045-415**Whatsapp:**

(27) 99241-3383

Distribuição gratuita dirigida a gestores de instituições educacionais cristãs, anunciantes do segmento, educadores e associações de escolas.

Impressão:

Gráfica Sodré

Ainda não temos respostas ou previsões confiáveis sobre o que esperar do mundo com o desenvolvimento da Inteligência Artificial. Um dos principais receios da população para esta utilização da IA é a substituição de mão de obra e diminuição de vagas de emprego.

No contexto educacional, a IA chama atenção e logo surgem questionamentos para esse campo desconhecido. O que será da educação com o crescimento da Inteligência Artificial? Quais as vantagens e desvantagens em utilizar a IA no processo educativo? Como lidar com as mudanças tão expressivas em curto espaço de tempo? Ainda não temos a solução para todas essas discussões, porém, o debate sobre a utilização da IA na educação e seu crescimento nesta área não pode ser mais adiado.

Nesta edição, a Veredas propõe uma discussão sobre o uso da Inteligência Artificial na educação sob a ótica de especialistas de áreas relevantes ao tema.

Dessa forma, esperamos contribuir com as escolas cristãs, não somente com este trabalho, mas futuramente em outras edições da revista e nos eventos da organizados pela Prospecta.

No mais, precisamos conhecer sobre este assunto e buscar sabedoria que vem do alto para tomarmos as melhores decisões possíveis e seguir corretamente os próximos passos da educação.

Rogério Moreira Scheidegger

*Diretor da
Revista Veredas
Educaionais
e Prospecta
Educaional*



Gestor de escola cristã,

NÃO FIQUE SOZINHO!

Participe de nossos
canais de comunicação
e comunhão.



Instagram

Siga nosso perfil



WhatsApp

Grupo exclusivo para
gestores de escolas
cristãs de todo país

REVISTA
Veredas
EDUCACIONAIS



Cenários da Educação Básica e a força da espiritualidade

O fortalecimento da identidade das escolas confessionais.



Luciano Sathler

Membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais e do Conselho Deliberativo do CNPq. CEO da edtech CertifikEDU Microcertificações com Blockchain e Inteligência Artificial, focada na visibilização de competências desenvolvidas a partir dos itinerários formativos e projetos de vida do Ensino Médio / Ensino Técnico

<http://blog.certifikedu.com>.

É cada vez menor a proporção de crianças e adolescentes na população brasileira. A redução do número de matrículas nas escolas públicas parece acompanhar essa tendência demográfica. Por outro lado, a quantidade de estudantes nas escolas privadas têm crescido, provavelmente um sinal de que as famílias optam por investir mais na formação dos educandos quando há um maior poder de compra em suas mãos.

De acordo com o IBGE, em 2012, o país tinha 193.946.886 habitantes, sendo que 48.486.722 estavam na faixa etária de 5 a 19 anos.

Em 2022, o Brasil chegou aos 203.062.512 habitantes, dos quais apenas 42.643.127 tinham de 5 a 19 anos de idade. É uma queda significativa, tanto em termos da proporção na população quanto dos números absolutos das crianças e adolescentes.

Essa mudança da pirâmide demográfica foi fortemente sentida nas escolas públicas, que tiveram uma queda significativa no número de matrículas. Eram quase 40

milhões de estudantes nessa categoria administrativa em 2010; já em 2022 somaram pouco mais de 38 milhões de alunos.

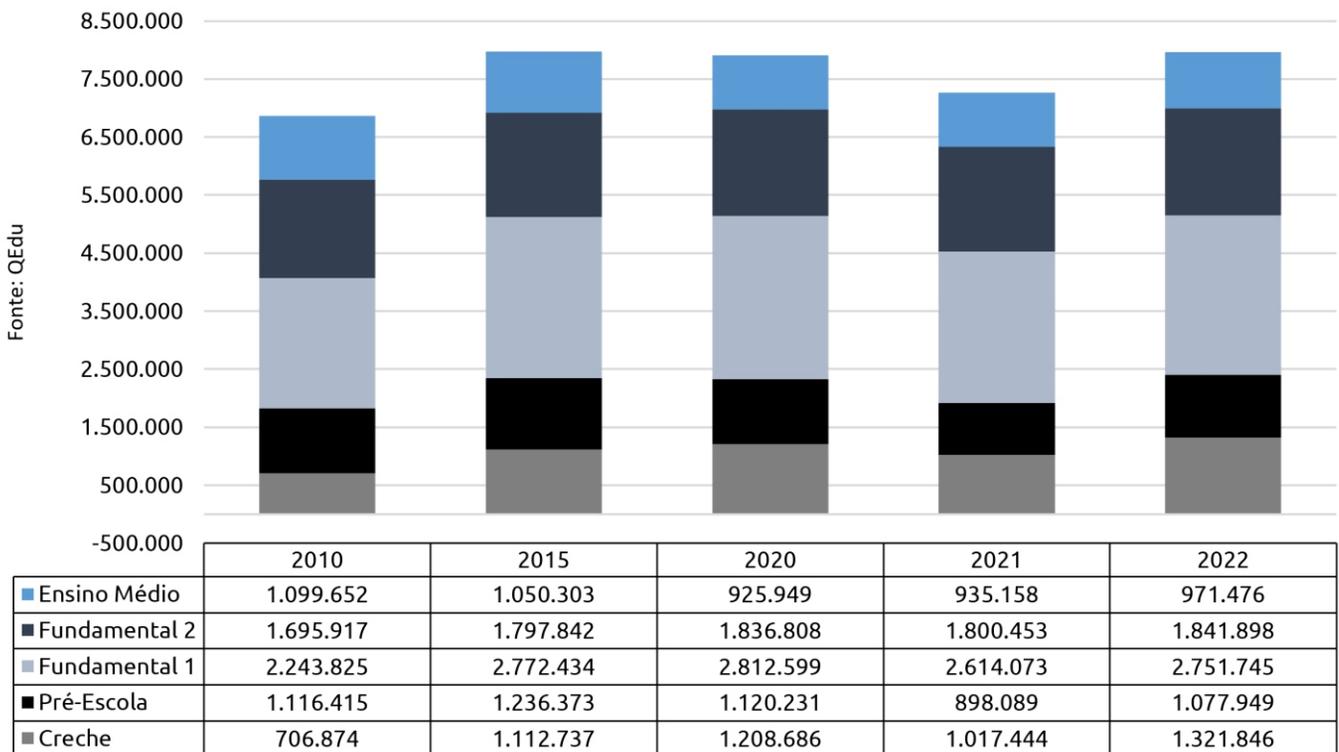
Enquanto isso, as escolas privadas tinham, em 2010, quase 7 milhões de matrículas; e chegaram a mais de 9 milhões de estudantes, em 2022.

Vale destacar que a Educação Profissional chegou a 906.763 alunos em escolas privadas, um crescimento expressivo nos últimos anos. Também há o fenômeno de vários convênios do Poder Público para abrir matrículas na Educação Infantil em parcerias com mantenedoras.

São variadas as razões que levam uma família a se comprometer com uma mensalidade escolar.

No caso das escolas confessionais, além dos fatores normais que levam à decisão das famílias, como qualidade, localização, infraestrutura, preço e atendimento, chama a atenção o desenvolvimento da espiritualidade e dos valores éticos focados no bem comum.

Matrículas Escolas Privadas 2010 - 2022



A espiritualidade é um conceito de difícil definição. Quem chegou ao topo de uma montanha, ficou fascinado com alguma obra de arte ou mesmo em oração, quando sentiu aquela sensação avassaladora de grandeza e pequenez ao mesmo tempo, a grandiosidade da existência, o milagre e a fragilidade de ser humano percebe um chamado para sair da apatia espiritual.

Cada cultura tem uma resposta diferente para o desenvolvimento espiritual. No caso das escolas cristãs, a fundamentação está sempre em Jesus Cristo, na Bíblia e na tradição que marca a história de uma igreja, daí o termo confessional – que confessa sua vinculação a uma instituição que proclama a sua cosmogonia a partir de uma experiência situada no tempo, no espaço e na história, geralmente de uma

beleza que inspira a adesão aos valores dos fundadores.

Uma grande novidade nesse sentido é que as neurotecnologias hoje permitem que a Psicologia e a neurociência possam afirmar que a espiritualidade é uma característica inata do ser humano. Ou seja, nascemos geneticamente programados para desenvolver uma vida espiritual.

E que as crianças que são criadas com uma vida espiritual robusta e bem desenvolvida são mais felizes, mais otimistas, mais prósperas, mais flexíveis e bem mais equipadas para lidar com os traumas comuns - e até extraordinários - da vida do que aquelas que não o são.

Os adolescentes, em particular, ficam exponencialmente em melhor situação se estiverem em contato com o seu lado espiritual –

“

É preciso ir além dos dogmas, dos símbolos, dos discursos estéreis muito centrados em práticas medievais que não fazem sentido se não forem ressignificados.

”



“

É preciso viver a espiritualidade como um princípio norteador profundo, que molda pensamentos, atitudes e comportamentos.

”

menos propensos a abusar de álcool, drogas, a terem comportamentos inconsequentes e lidam melhor com a depressão.

Além disso, pesquisas apontam a enorme desvantagem de continuar a negligenciar o desenvolvimento espiritual dos filhos. O atrofiamiento espiritual talvez possa prejudicar uma criança para sempre, criando um frágil senso de identidade e falta de resiliência.

Podemos ver a crise em formação quando o desenvolvimento espiritual é negligenciado ou quando a curiosidade e exploração espiritual individual de uma criança é negada.

Numa sociedade sem sentido, onde as vidas caminham muitas vezes sem um significado e sem esperança, as crianças imbuídas de espiritualidade tornam-se adultos que podem contar as suas bênçãos, sentir uma vocação no seu trabalho, considerar as relações huma-

nas como sagradas e ver os infortúnios como oportunidades.

Muitas das coisas que as crianças fazem são naturalmente espirituais: elas podem olhar para as formigas num formigueiro durante horas. Isso é atenção plena. Elas sentem uma sensação de desespero quando veem um sem-teto. Isso é compaixão ou misericórdia. As crianças do ensino fundamental estão profundamente preocupadas com a imparcialidade ou justiça e sentem-se estimuladas ao ajudar outras pessoas. Isso é caridade. A tradição judaico-cristã há muito ensina que o amor dos pais pelos filhos é uma metáfora da forma como Deus ama as pessoas.

Na infância e na adolescência a abertura para o diálogo é essencial para o desenvolvimento da espiritualidade. É preciso ir além dos dogmas, dos símbolos, dos discursos estéreis muito centrados em práticas medievais que não fazem

sentido se não forem ressignificados.

Para colaborar com o desenvolvimento espiritual do outro é preciso viver a espiritualidade como um princípio norteador profundo, que molda pensamentos, atitudes e comportamentos. Ter um olhar para o Alto que ajuda a revelar a nossa própria pequenez e ensina que a humildade é o princípio para aprender com a transcendência. E uma atenção que move em direção ao outro, ao próximo, à compaixão mobilizadora, especialmente, em benefício dos mais fragilizados, empobrecidos e sofridos.

Há crianças e adolescentes cujas famílias estão equilibradas financeiramente, mas onde se observa uma profunda pobreza nos afetos. Há espaço para anunciar e testemunhar o amor ao próximo em todas as classes sociais.



Sistema
Mackenzie
de Ensino

20
ANOS

CRESCER COM SABEDORIA:

° **FLORESCER**
QUE
DÁ **FRUTOS.**



Para compreender o mundo e nele interagir, nossos alunos se desenvolvem com uma aprendizagem colaborativa e inovadora, ancorada nos princípios e valores cristãos.

SEMEANDO
SABER,
CULTIVANDO
VIRTUDES.



"Mas as sementes que caíram em terra boa produziram na base de cem, de sessenta, e de trinta grãos por um."

Mateus 13:8

 [sistemas.mackenzie](https://www.instagram.com/sistemas.mackenzie)
 sme@mackenzie.br

Planejando um 2024 de **SUCESSO** para minha escola



Por onde iniciar o planejamento estratégico da minha escola?



Beatriz Carpenter

Advogada e economista, business coach, especialista em gestão estratégica de negócios, com pós-graduação em neuroeconomia.

@beatrizcarpenter

biacarpenter@gmail.com

O passo inicial para iniciar a estratégia anual de um negócio é retomar a origem, ou seja, se você tem um planejamento estratégico do ano anterior, você, Diretor, precisará avaliar junto com a sua liderança se os objetivos e metas foram cumpridos.

Em caso positivo, ótimo, você está no caminho certo. Em caso negativo, se torna importante descobrir o porquê de não terem sido cumpridos. A partir daí, identifique as falhas e alinhe um plano de ação para corrigi-las.

Caso você nunca tenha feito um planejamento estratégico específico, existe um passo a passo a ser cumprido e eu vou te ensinar.

1. Tenha clareza do seu DNA Organizacional

Missão, visão e valores com certeza não foram feitos para estar na parede, nem mesmo deveriam ser elementos imutáveis uma vez que precisam ser alterados de

forma periódica respeitando o momento da escola.

Portanto, avalie se sua visão de negócios está clara e mostra o lugar que almeja alcançar, e se seus valores correspondem à cultura empresarial e aos ritos presentes em sua organização.

Feito isso você terá clareza do que quer.

2 – Compreenda o seu momento atual

A análise do estado atual da escola, considerando seus recursos, capacidades e desafios, é a base para um planejamento estratégico bem-sucedido. Uma ótima ferramenta a ser utilizada nessa fase é a famosa SWOT, a qual identifica fortalezas, fraquezas, oportunidades e ameaças.

3 – Identifique as tendências do seu mercado

Estar atento às tendências do setor educacional permite que a



escola se antecipe às mudanças e adapte suas estratégias para atender às novas demandas.

Aproveitando o tema, irei antecipar algumas tendências obtidas de publicações acadêmicas recentes.

O ano de 2024 é marcado por tendências inovadoras que buscam transformar o aprendizado e adaptá-lo às demandas do século XXI.

Uma das mais notáveis é a educação híbrida, que mescla aprendizado presencial e online, proporcionando flexibilidade e diversidade nas experiências de ensino. A personalização do aprendizado, por meio da IA e análise de dados, vem ganhando destaque, permitindo que o conteúdo seja ajustado às necessidades individuais dos alunos, promovendo assim uma educação mais inclusiva e eficaz.

Além disso, há um crescente foco na educação socioemocional, valorizando o desenvolvimento de habilidades como empatia e resiliência, essenciais em um mundo em constante transformação. A

crescente integração de tecnologia e digitalização, como realidade aumentada, bem como a gamificação, está reinventando as metodologias de ensino, tornando o aprendizado mais interativo e envolvente.

Outra tendência é a ênfase na sustentabilidade, com escolas adotando práticas extracurriculares que fomentam a consciência ambiental e incentivam a adoção de comportamentos sustentáveis. Essas tendências, juntamente com a formação continuada de docentes e o fortalecimento das parcerias entre escola e comunidade, sinalizam um futuro promissor para a educação, onde o aprendizado é cada vez mais personalizado, holístico e alinhado com as necessidades globais.

4 – Construa cenários

A partir da percepção das tendências de mercado, o passo seguinte é a elaboração de cenários. Oriento a construção de três possíveis cenários:

“

O ano de 2024 é marcado por tendências inovadoras que buscam transformar o aprendizado e adaptá-lo às demandas do século XXI.

”

• **Pessimista** – Levantar situações críticas que colocam em jogo o próprio negócio e até mesmo vidas. Por exemplo: casos de tiros nas escolas. A partir dessa constatação, orienta-se a construção de planos de contingência com medidas preventivas e corretivas.

• **Realista** – A partir do contexto histórico e das perspectivas futuras, definem-se objetivos claros e desafiadores a serem alcançados. Ex: quantidade de matrículas no ano, margem de lucro, etc.

• **Otimista** – Caso todas as ações delimitadas no planejamento estratégico sejam bem-sucedidas. Qual resultado será alcançado? Você estará preparado caso tudo dê certo?

5 – Elabore um plano para cada um dos cenários – Foque no Realista

Criar um plano detalhado para cada cenário, com ações efetivas a serem adotadas para o alcance dos objetivos e seus devidos responsáveis. Lembre-se que o cenário realista é a base da sua estratégia.

6–Defina metas e indicadores

Defina o que é sucesso para cada uma das ações elaboradas e estabeleça metas claras e indicadores de desempenho, a fim de monitorar o progresso e garantir que a escola está no caminho certo.

7– Treine a sua equipe

Uma equipe bem treinada e alinhada com os objetivos estratégicos e valores da organização é essencial para a implementação bem-sucedida do plano estratégico.

Conclusão

Seus alunos serão impactados de forma positiva pela organização e gestão da escola.

Quanto mais claro estiver o plano e sua equipe estiver alinhada, mais clara será a comunicação.

Vale lembrar que uma instituição de ensino mesmo tendo um caráter social é uma unidade de negócios e seus gestores podem orientar seu destino de modo a alcançar o maior impacto e resultado possível.

Eu, como mãe de duas princesas, acredito na importância das instituições de ensino, principalmente àquelas que possuem princípios cristãos.

Portanto, preparem-se e construam o melhor planejamento estratégico anual que já fizeram até hoje! Contem comigo.

“

Seus alunos serão impactados de forma positiva pela organização e gestão da escola.

”



Falando em Educação...

O que realmente faz sentido?



A educação que está para além dos muros da escola!



Daniela Beraguas Tarjino

Pedagoga, Especialista em Neurociência e Psicologia Aplicada e escritora.



Ana Carolina Junqueira Moreira

Pedagoga, com especialização em Neurociência e Psicologia Aplicada e Gestão Escolar. Atua na área da educação há 20 anos.
junqueira.caca@gmail.com

Já parou para refletir sobre o significado da palavra "construir"? No dicionário, é definida como o conjunto de atividades necessárias para criar algo. Quando aplicamos essa ideia à educação sólida e eficaz, normalmente a associamos ao ambiente escolar. No entanto, a verdadeira educação, em seu sentido mais amplo, convida-nos a participar ativamente do processo de construção de alicerces sólidos para a sociedade para além dos muros da escola. Como José Pacheco afirmou, "As escolas são feitas de pessoas, não de prédios".

Em vez de nos concentrarmos apenas nas estruturas escolares que conhecemos, deveríamos direcionar nossa atenção não apenas para o final da jornada educacional, mas para a concepção da educação como um berço, uma base, um início que influencia todo o percurso, começando formalmente na escola, mas indo muito além da preparação para o sucesso nos exames vestibulares.

Ao considerarmos esses alicerces, estamos criando condições não apenas para formar alunos pensantes, mas também para cultivar cidadãos ativos em uma sociedade que nos exi-

ge tomar decisões acertadas a todo momento.

Então, que bases são essas? São os pilares do desenvolvimento integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto, pavimentando o caminho para o desenvolvimento de habilidades fundamentais. Conforme apontado por Zabala, quando a principal finalidade do ensino é o desenvolvimento integral, nosso foco vai além do aspecto cognitivo, englobando todos os elementos que compõem uma pessoa.

O que está além do conteúdo ensinado nas escolas? Trata-se do conteúdo que estimula o conhecimento real e, conseqüentemente, gera aprendizado.

Será que estamos realmente construindo bases sólidas ou simplesmente reproduzindo o que nos foi ensinado? Essas bases resistem diante da nova geração, que tem acesso a informações de maneira exponencial e nunca antes experimentada? Como podemos fortalecer esses alicerces?

Essa reflexão e análise fazem sentido para você?

Mercado

Minha escola tem tradição no infantil e fundamental, mas perde alunos no ensino médio

Ao enfrentar a desafiadora transição do Ensino Fundamental para o Médio, as escolas são confrontadas com uma preocupante perda de alunos. Para abordar essa questão, o professor Raphael Fracalossi oferece estratégias inovadoras, apoiadas pelos resultados concretos de seu pré-vestibular Olympus.

A transição do Ensino Fundamental para o Médio é um momento crucial na jornada educacional dos estudantes, como também um período desafiador para muitas escolas. Apesar de manter uma tradição sólida e bem-sucedida nessa etapa, muitas instituições enfrentam uma perda significativa de alunos na entrada para o Ensino Médio. Esse fenômeno, além de intrigar seus gestores, levanta questões importantes a respeito das políticas aplicadas para manter o mesmo nível de excelência que caracteriza os anos iniciais da educação.

Raphael Fracalossi, professor e idealizador do pré-vestibular de alta performance Olympus, explora este assunto por meio de estratégias indispensáveis para garantir que a tradição de qualidade se estenda também ao Ensino Médio, comprovando que a excelência pode ser mantida em todos os níveis de ensino.

VEREDAS: Porque muitas escolas não conseguem reter os alunos do 9º ano para o médio?

Fracalossi: A questão me parece cultural. Mais do que um plano político pedagógico, a escola precisa de uma identidade que permita aos pais classificá-la rapidamente como uma instituição voltada para ensino bilíngue e currículo internacional ou de performance (isto é, preparação para vestibular) ou que tenha uma vertente mais aprofundada na formação técnica, enfim! A comunicação da escola deve contar qual é seu foco principal. Instituições generalistas e sem tal identidade estão fadadas, e se tratando de ensino médio, ao esquecimento e sequer se tornam opções.

VEREDAS: Qual o impacto na falta de aprovação em vestibulares para as famílias?

Fracalossi: Ainda hoje, uma das maiores preocupações dos pais é com o desempenho do aluno ao

prestar o vestibular, sobretudo no que diz respeito às carreiras mais tradicionais como medicina e engenharias. Uma escola que não tem aprovações para exibir ou que valoriza excessivamente aprovações em cursos que não têm concorrência são encaradas como de baixa qualidade, ainda que todo investimento num bom ensino esteja presente. Não existe para uma escola propaganda melhor do que "aprovado em medicina", por exemplo.

VEREDAS: Qual o peso do sistema de ensino/material didático?

Fracalossi: Os sistemas de ensino têm três funções: a primeira é garantir uma boa exposição do conteúdo, conforme a BNCC, e facilitar o processo de aprendizagem. A segunda é criar uma cultura de performance e resultados em simulados na escola, desde o primeiro ano. Em terceiro, os sis-

temas de ensino, sobretudo os mais tradicionais, dão fé pública à escola e cancelam a qualidade do ensino ali prestado.

VEREDAS: Para a equipe docente é preciso uma capacitação diferenciada?

Fracalossi: Sem dúvidas! Mais que a capacidade técnica, é a mentalidade do professor que é capaz de conduzir a escola ao sucesso ou ao fracasso. Além de treinar o professor para que saiba como utilizar da melhor forma possível as várias ferramentas do sistema de ensino e toda rápida inovação pela qual passa o mercado de educação, é preciso lembrar que será papel do professor, no dia a dia, criar a cultura de performance na escola e direcionar os alunos rumo à competição final que é o vestibular. Neste sentido, a equipe precisa estar alinhada e com um discurso único. É preciso que o professor entenda que, nas escolas de sucesso, de certo modo, o pré-vestibular começa no primeiro ano.

VEREDAS: Como adaptar minha proposta pedagógica?

Fracalossi: Hoje em dia, há instituições cujo foco é o pré-vestibular que prestam serviços de assessoria que vão desde a implantação de sistemas de ensino e capacitação técnica dos profissionais até a gestão completa do ensino médio da escola. Em geral, estas instituições já possuem resultados de aprovações em vestibulares substanciais e reconhecidas. Então, dependendo do acordo firmado, ela realiza toda adequação do ensino médio para performance e, para acelerar o processo de matrícula, chega a ceder o uso da marca como "escola parceira" ou algo do gênero. Isto se torna uma forte propa-



“
Nas escolas de sucesso, de certo modo, o pré-vestibular começa no primeiro ano

”
Raphael Fracalossi
 Diretor da Olympus

ganda pois embute na escola os resultados já conquistados através do método que está sendo implantado.

VEREDAS: Como a Olympus tem ajudado escolas nesse sentido?

Fracalossi: A Olympus é uma dessas empresas. Com resultados já consolidados, principalmente nos vestibulares de medicina e com aprovações nas maiores e melhores universidades do país, a Otim-

pus presta desde a assessoria até a gestão completa do Ensino Médio, além de, sobretudo, estabelecer um novo paradigma para escola, trabalhando a linguagem utilizada pelos professores e modificando completamente a cultura da escola. Nossa ideia central é transformar a escola naquilo que nos tornamos: uma potência regional e referência imediata para os pais no que diz respeito às aprovações em vestibulares e qualidade de ensino.



AULÃO da Olympus
 (Vitória/ES)

www.olimpusvitoria.com.br
 (27) 99291-4313



Capa

Inteligência Artificial na educação: desafios e oportunidades

Com a implementação da Inteligência Artificial, o mercado educacional tem discutido eventuais mudanças em seus métodos e abordagens didáticas. A IA surge como uma revolução em andamento, afetando o ensino, redefinindo a formação dos professores e fornecendo possíveis caminhos para um acesso igualitário à educação.

Na era digital em que vivemos, a Inteligência Artificial (IA) ocupa um espaço cada vez maior nas funções do cotidiano, como economia, política, lazer, entretenimento e relações pessoais. A educação também não está imune a essa mudança.

Para enriquecer o debate sobre

a incorporação da Inteligência Artificial na educação, contamos com a experiência de três profissionais de áreas relevantes: Jadson do Prado Rafalski, professor universitário e mestre em informática; Daniel Carlos Ferreira, Engenheiro, Consultor Empresarial e

Especialista em Inovação; e Márcia Gonçalves de Oliveira, Doutora em Engenharia e Mestre em Ciência da Computação.

O impacto da IA na educação

A implementação da Inteligência Artificial na educação não veio

como um recurso emergente para a sociedade, faz parte do avanço tecnológico da nossa época e pode nos trazer inúmeros benefícios no processo de ensino e aprendizagem.

Um dos recursos mais utilizados da IA na educação é a personalização do ensino por meio de plataformas e aplicativos que podem acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, contribuir para o seu desenvolvimento educacional, atender às suas necessidades individuais e, por fim, potencializar seus estudos.

O Professor Jadson Rafalski reforça: “Essas plataformas fazem uso de dados e algoritmos de aprendizado de máquina para adaptar a experiência de cada aluno individualmente.”

De fato esse recurso mostra-se enriquecedor para o meio educativo, como bem aponta a Doutora Márcia de Oliveira sobre o sistema de recomendação: “Se um estudante se interessa por um determinado tipo de conteúdo, é muito provável que ele também se interesse por outros conteúdos similares a esse. Se um conteúdo ou atividade é recomendado para ele conforme suas dificuldades, é muito provável que o sistema recomende os mesmos itens para outros estudantes que apresentam as mesmas dificuldades.”

Sistema de avaliação

A incorporação da IA no campo educacional também deixa lacunas e ainda apresenta desafios a serem enfrentados como, por exemplo, nos sistemas de avaliação.

Seguindo o pensamento do Especialista em Inovação Daniel Carlos, o processo de aprendizagem se desenvolve de forma complexa, exigindo mais que um mecanismo padrão de avaliação do aluno, e



envolve não apenas habilidades cognitivas, mas também habilidades socioemocionais e criatividade.

Provando empiricamente essa dificuldade, a Prof^a Márcia desen-

volveu em sua tese de Doutorado um sistema de avaliação semi-automática de exercícios de programação de computadores. Com essa experiência, a Doutora relata que um dos maiores desafios foi

“

Essas plataformas fazem uso de dados e algoritmos de aprendizado de máquina para adaptar a experiência de cada aluno individualmente.

”



Jadson do Prado Rafalski
mestre em informática.

adaptar a avaliação automática às questões discursivas: “A avaliação totalmente automática ainda é um desafio porque, para corrigir atividades, o sistema de avaliação precisa de exemplos do especialista humano para aprender.”

Em concomitância com esse fator, Rafalski destaca a seguridade dos alunos para que essa avaliação atinja o objetivo esperado: “Para superar esses obstáculos, é imperativo desenvolver sistemas de avaliação baseados em IA que sejam transparentes e robustos, garantindo a integridade do processo de avaliação e resguardando os dados dos estudantes.”

Desafios na sala de aula

Cuidado é sempre necessário para o uso da tecnologia nas salas de aula, e com a participação proeminente da IA na sociedade, esse recurso também levanta preocupações importantes de serem analisadas para a garantia da integridade do usuário.

Dessa forma, o vazamento de informações pessoais e a preserva-

ção da privacidade tornou-se um dos pontos mais questionados para a integração oficial da IA na educação, como aponta Rafalski: “É importante regulamentar e garantir medidas de segurança rigorosas para proteger essas informações e evitar seu uso indevido, como para fins comerciais ou de vigilância.”

Nesse viés, Oliveira enfatiza que apesar de inteligente, essas máquinas não possuem uma das principais características para a tomada de decisões, cuja propriedade é exclusivamente humana: a consciência.

Mais uma problemática para esse uso é a dependência tecnológica que já vem sendo enfrentada em diversos setores da sociedade. No entanto, o consultor Daniel Carlos ressalta que a IA, assim como outras tecnologias, deve ser vista como uma adição ao processo, e não como uma subtração.

Logo, a adaptação desse recurso para a educação é necessária, mas essa ferramenta pode oferecer oportunidades para um ensino mais eficaz e personalizado.

A atualização do docente

O avanço da IA demanda conhecimento para além das didáticas tradicionalmente aplicadas nas salas de aula, e esse trabalho exige que o papel do professor acompanhe a evolução tecnológica contemporânea aos seus alunos.

Para Daniel Carlos, a formação continuada, por exemplo, sofrerá eventuais mudanças, pois tem como objetivo a especialização e atualização no mercado educacional.

Segundo o engenheiro, recursos de aprendizado, capacitação e referências de materiais relevantes à especialização podem ser grandes aliados nesse processo, aprimorando as habilidades e os conhecimentos do profissional da educação.

Jadson Rafalski, por sua vez, comenta que apesar de grande contribuição para essa formação, a IA também revela as qualidades únicas do professor no processo de ensino e aprendizagem, como a inteligência emocional, adapta-

“

A Inteligência Artificial, assim como outras tecnologias, deve ser vista como uma adição ao processo, e não como uma subtração.

”



Daniel Carlos Ferreira
Engenheiro, Consultor Empresarial
e Especialista em Inovação



bilidade e a capacidade de estabelecer conexões significativas com os alunos.

Assim, Márcia de Oliveira conclui: “A IA não substituirá o professor criativo e mediador que utiliza as tecnologias para potencializar o ensino e a aprendizagem, mas substituirá os professores que reproduzem conteúdos, não mudam as estratégias de ensino e contam com máquinas para fazerem todo o seu trabalho.”

Um novo rumo para a educação

O uso da IA na educação ainda

Exemplos de IA na educação atual

ChatGPT

Chatbots de plataformas de ensino

Aplicativos de rota

Learning Analytics

Fonte: educacional.com.br

requer atenção e cautela. Contudo, sua utilização para a fomentação do aprendizado e capacitação dos profissionais do ambiente escolar é imprescindível.

Essa ferramenta se insere em todo processo de aprendizagem, alcançando o aluno, os professores, a equipe pedagógica e os familiares, tornando possível um aprimoramento na educação por meio do atendimento personalizado, otimizado e efetivo.

Além disso, pode vir a contribuir para a redução das desigualdades no acesso à educação em todo o mundo: “A IA do futuro me parece que pode de fato equalizar essas diferenças de acesso à educação. Consigo até imaginar que teríamos recursos educacionais da mais alta qualidade sendo acessíveis a todos em qualquer parte do planeta”, reitera Daniel Carlos.

A Inteligência Artificial chega na educação para ficar, portanto, cabe aos educadores e familiares adaptarem-se a essa tecnologia, a fim de torná-la uma aliada nas salas de aula, não um adversário. “Eu vejo a IA moldando o futuro da educação como uma extensão das capacidades humanas, mas nunca as substituindo.” – conclui Márcia Oliveira.

“

Eu vejo a IA moldando o futuro da educação como uma extensão das capacidades humanas, mas nunca as substituindo.

”



Márcia Gonçalves de Oliveira
Doutora em Engenharia e
Mestre em Ciência da Computação.

Tecnologia

Tecnologia e futuro na educação: Devemos nos "pré-ocupar" com a Inteligência Artificial?

A capacidade de noticiar a crescente curva de aprendizagem da máquina é proporcional em admiração, assombro e incerteza. Algumas questões merecem o refinamento de expertise do educador e gestor educacional.



Lilian Neves

Consultora, CEO da Weleto, autora do Programa BENE, conferencista e escritora.

www.programabene.com.br

Em meio a uma avalanche de informações e documentos, costumamos deixar correr um tanto de água e colocar algumas varas para pescar peixes mais graúdos sobre o assunto. Afinal, são muitos os temas que a educação precisa se ocupar com amplo foco para conseguir ser relevante na contribuição à formação humana.

Mudar a sua atenção a cada nova tendência dificulta os trabalhos de maturação e o médio prazo costumamos não acontecer bem.

Com a inteligência artificial não será diferente. A capacidade de noticiar a crescente curva de aprendizagem da máquina é proporcio-

nal em admiração, assombro e incerteza. Gostaria de destacar 3 questões que merecem o refinamento de expertise do educador e gestor educacional:

Produção de Conteúdos

Com a leitura e produção de conteúdos por parte da máquina, a IA generativa compila uma base astronômica de dados e produz textos, imagens e linhas de programação em combinação e síntese de informações, em boa estrutura linguística.

O bom disso é ter uma análise sistêmica do "todo", ao menos até que esse montante venha com

novos conteúdos produzidos intencionalmente, quer por máquina ou por humanos- para mover a opinião pública, pensamentos, economia e até o estilo de vida. Nisso, há divergências sobre a existência de "criação" efetiva. Ainda estamos com uma pilha de peças coloridas encaixáveis produzindo formas novas em estatísticas multivariadas, ao que nomeamos inovação.

Pesquisa

Se a universidade nos ensina a importância do reconhecimento da origem dos conhecimentos, ou quem diz o que acerca de uma linha de pesquisa, com seus rigores de se fazer ciência, de repente citar a IA pode virar uma panela de muitos alimentos misturados, nem sempre em boa combinação.

Um conhecimento é uma construção social, influenciada por seu tempo, cultura, raízes, políticas, guerras. Nem tudo o que se produz num contexto pode ser aglutinado em outro. E quem disse que fazer ciência encontra consenso de maneira tão fácil? Bem, como conteúdo gerado pela inteligência de máquina, você não terá mais essa rastreabilidade da fonte, se é de bom crédito ou validade, e em que sentido se aplicou.

Sentimentos e emoções

Perguntei ao ChatGPT o que a IA não consegue fazer acerca da formação humana e a resposta (se vocês confiarem na fonte) foi a dificuldade com tudo que se relaciona à emoção: empatia e intuição humana; julgamento ético e moral; relacionamentos interpessoais significativos; experiências sensoriais humanas; desenvolvimento moral e personalidade. Também afirmou dificuldades com a linguagem (parece incoerente!) acerca de

contexto cultural e social complexo; criatividade original; compreensão contextual e sutilezas linguísticas, além da resolução criativa de problemas complexos.

Bem, só aqui já reside uma lista de coisas que a educação terá seu papel insubstituível.

Sobre ajudar as pessoas a serem cada vez mais humanas, amáveis e reflexivas, a metodologia educacional precisa acreditar nisso, tornando o ambiente mais sócio interativo, operando valores como direito à escuta, tempo para o desenvolvimento, experiências mais significativas ao invés de conteúdos e provas para se verificar conteúdos.

Sobre o trabalho com a ética, temos que reconhecer que ela é o caminho para o bem comum, ou seja, para que todos sejam considerados nos processos de escolha e de ação moral. Para isso, reconhecemos o grupo de virtudes morais, ou aquelas que constituem bons hábitos que refletem condições de respeito, generosidade, honestidade, coragem, justiça, por exemplo.

Já a emoção, essa considerada no aspecto do desenvolvimento da personalidade humana, seria reconhecer aspectos favoráveis à capacidade de comunicar o que sente e pensa; abrir-se a novas experiências ao invés de sempre repetir o mesmo jeito de fazer as coisas; pensar antes de agir, ponderando com consciência nas ações; buscar estabilidade emocional e criando resiliência aos estados de profunda tristeza ou passividade; e, por fim, ser sociável, com amabilidade. Esses aspectos da personalidade serão estruturantes para as conhecidas competências socioemocionais.

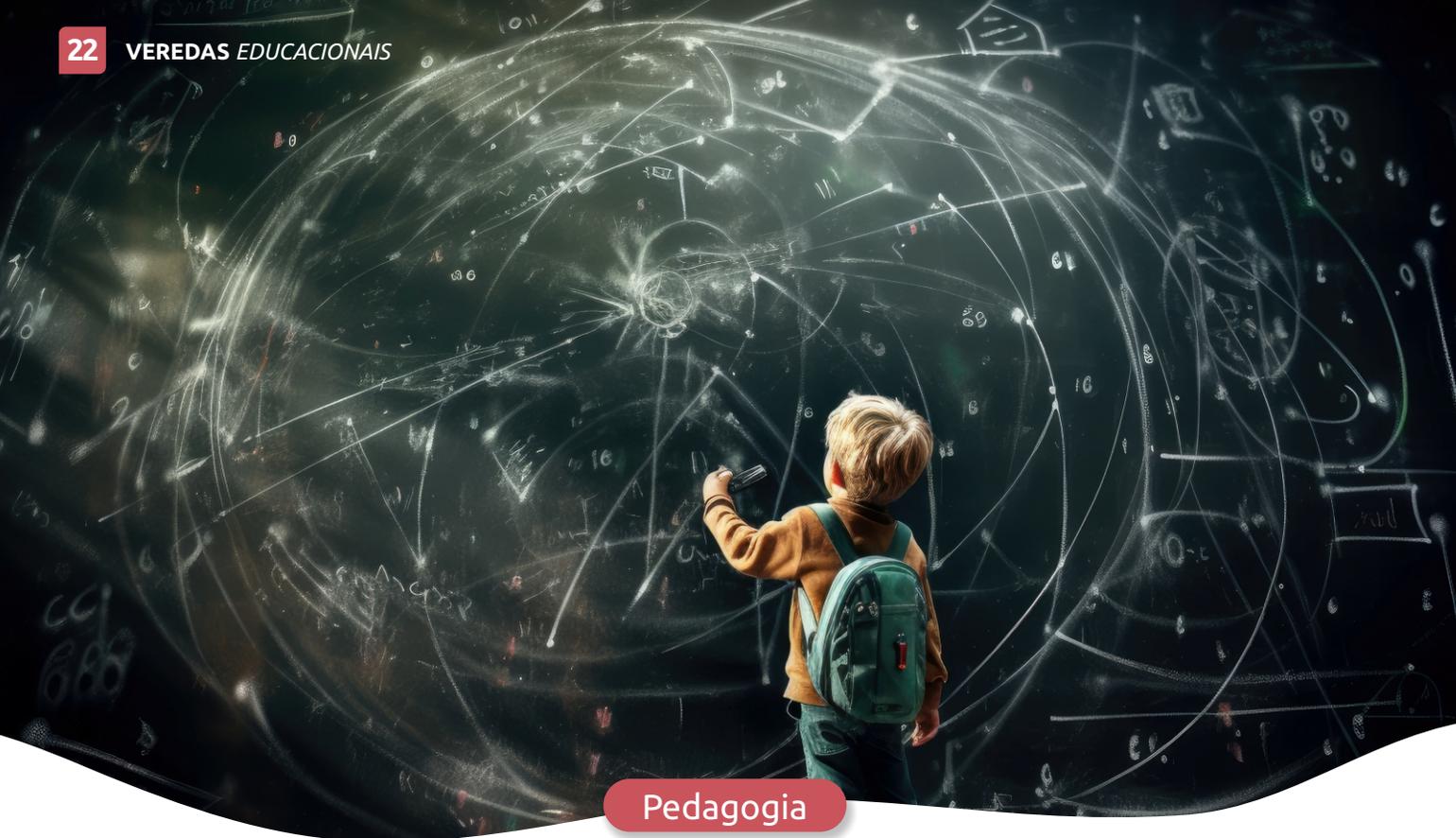
Quanto à tecnologia e ao futuro,

“

Sobre ajudar as pessoas a serem cada vez mais humanas, amáveis e reflexivas, a metodologia educacional precisa acreditar nisso, tornando o ambiente mais sócio interativo

”

é reconhecer os dias de forma local e global, identificar as causas, as implicações e decorrências de uma escolha ou tendência, alcançando análise de contexto e pensamento crítico. Tudo isso com muita criatividade humana e saltos de vida que tanto as grandes personalidades quanto as pequenas crianças conseguem fazer. É disso que deve se “preocupar” a educação.



Pedagogia

O papel do professor na formação da cosmovisão do estudante

Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente. Daniel 12:3

O professor exerce um papel significativo na formação da cosmovisão do estudante. Ele não transmite apenas conhecimento acadêmico, mas também influencia o modo como os estudantes percebem o mundo. Isso ocorre de diferentes formas, como se vê a seguir.

1. No exemplo pessoal

Professores servem de modelo de comportamento e valores para

os estudantes. Se demonstram curiosidade, respeito pelas diferenças e um compromisso com a aprendizagem, os estudantes tendem a adotar essas atitudes.

2. Na abertura ao diálogo

Professores podem criar um ambiente em que os estudantes se sintam à vontade para expressar suas opiniões e debater ideias. Isso ajuda a ampliar a perspectiva e a

desenvolver a cosmovisão dos alunos.

3. Na seleção de conteúdo

A escolha de materiais e tópicos de ensino pode afetar a exposição dos estudantes a diferentes perspectivas e ideias. Professores devem considerar cuidadosamente o que ensinam e como ensinam.

“

No caso do professor cristão, sua postura deve refletir o padrão bíblico de autoridade, pois recebeu autoridade tanto de Deus quanto dos pais

”



Márcia Regis

Gerente dos Sistemas de Ensino Mackenzie

4. Na promoção da reflexão crítica

Professores podem incentivar os estudantes a questionar, analisar e avaliar informações e crenças, ajudando-os a desenvolver um pensamento crítico.

5. Na sensibilidade cultural

Reconhecendo a diversidade cultural e a pluralidade de visões de mundo, os professores podem ajudar os estudantes a apreciar e respeitar diferentes perspectivas.

No caso do professor cristão, sua postura deve refletir o padrão bíblico de autoridade, pois recebeu autoridade tanto de Deus quanto dos pais – que são a esfera de maior autoridade sobre os fi-

lhos – para educar. Assim como os pais, os professores representam um referencial de autoridade vinda de Deus. Contudo, o conceito de autoridade não deve ser confundido com o de autoritarismo, em que a liberdade é cerceada e a obediência é inquestionável.

A postura democrática do professor cristão deve ser observada em sala de aula com o objetivo de permitir o diálogo para a formação de boas regras de convivência, promover atividades que considerem a interdisciplinaridade, suscitar desafios e prezar pela qualidade dos conteúdos escolares e das práticas pedagógicas. Nessa relação do estudante com a aprendizagem, o professor exerce o papel de mediador, orientando e interferin-

do no processo de construção do entendimento e de desenvolvimento de sua visão de mundo.

O professor cristão também deve estar comprometido com a aplicação da cosmovisão cristã no ensino escolar de maneira eficiente, integrando os princípios e os valores cristãos de forma coerente e respeitosa. Confira, a seguir, algumas diretrizes para isso.

1. Clareza na identificação da Cosmovisão Cristã

Comece definindo os princípios-chave da cosmovisão cristã que pressupõem uma perspectiva peculiar de três relações fundamentais: a relação com Deus, a relação com o próximo e a relação com o mundo.

2. Integração coerente

Integre os princípios cristãos de maneira orgânica e coerente com os currículos e os componentes. Isso pode envolver discussões éticas, análises de literatura cristã, reflexões sobre história bíblica e exemplos práticos de como os princípios cristãos se aplicam na vida cotidiana.

3. Respeito pela diversidade

Lembre-se de que pode haver diversas origens religiosas ou filosóficas entre os estudantes. Aborde os princípios cristãos de maneira respeitosa e aberta, encorajando o diálogo e a compreensão entre diferentes pontos de vista.

4. Ensino reflexivo

Incentive os alunos a refletirem sobre como os princípios cristãos podem moldar suas ações, decisões e perspectivas. Incentive a aplicação prática dos valores em situações do cotidiano.

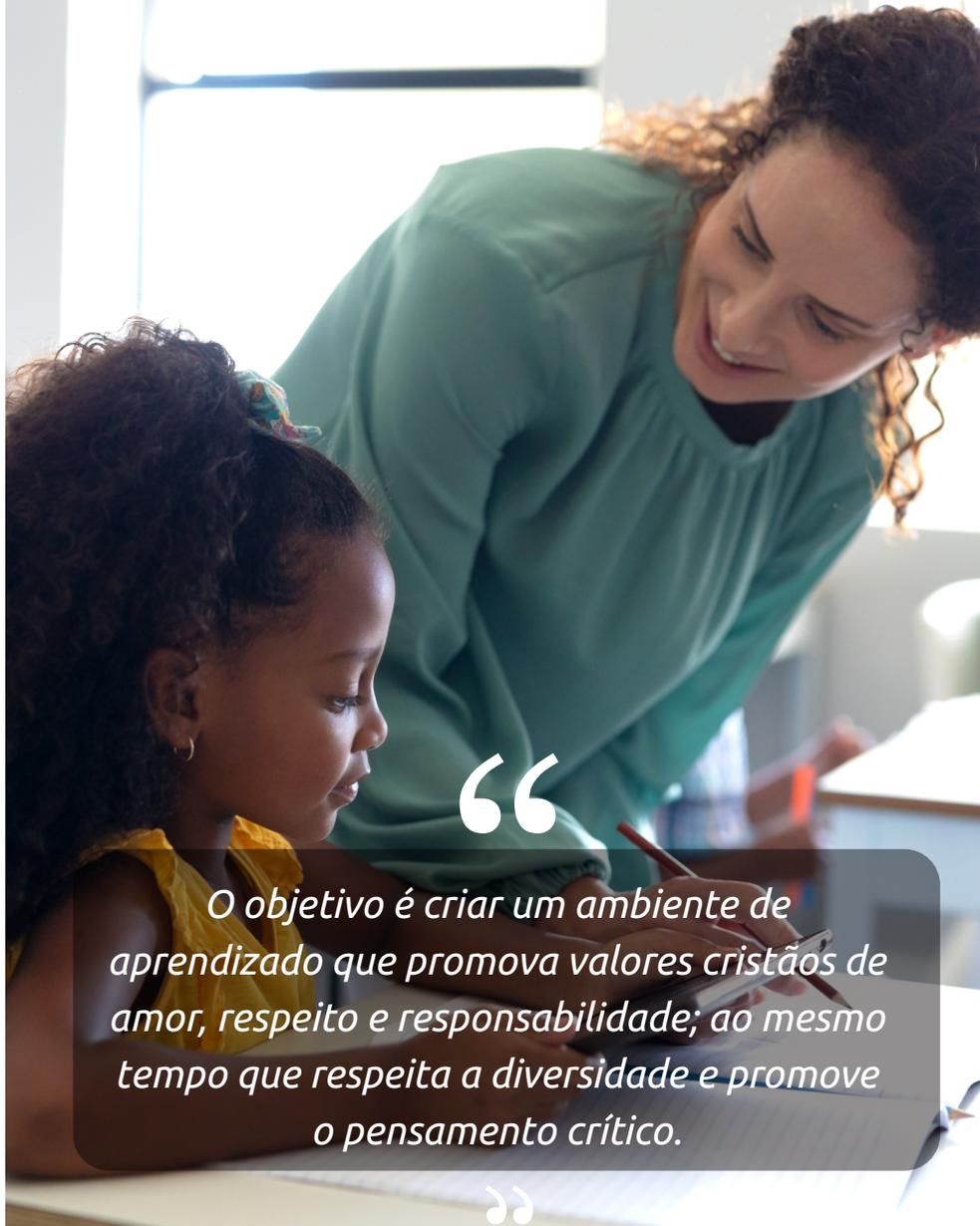
5. Inclusão e empatia

Promova uma cultura de inclusão e empatia, inspirada nos ensinamentos de Cristo. Ensine os alunos a tratar os outros com amor e respeito, independentemente de diferenças.

6. Integração de valores em projetos

Desenvolva projetos que permitam aos alunos explorar e aplicar os princípios cristãos em contextos do mundo real. Isso pode incluir projetos de serviço comunitário, debates éticos ou análises críticas de questões sociais à luz dos valores cristãos.

7. Modelagem por parte dos educadores



“O objetivo é criar um ambiente de aprendizado que promova valores cristãos de amor, respeito e responsabilidade; ao mesmo tempo que respeita a diversidade e promove o pensamento crítico.”

Busque ser um modelo de como viver os princípios cristãos no ambiente escolar. A coerência entre o discurso e as ações é fundamental.

Devemos considerar abordagens sensíveis e adaptadas ao nível de ensino, à idade dos alunos e ao contexto da escola. O objetivo é criar um ambiente de aprendizado que promova valores cristãos de amor, respeito e responsabilidade; ao mesmo tempo que respeita a diversidade e promove o pensamento crítico.

Reconhecemos que os professores desempenham um papel fundamental na formação da cosmovisão

dos estudantes, moldando suas atitudes, seus valores e seu entendimento sobre o mundo à medida que são orientados no processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal. Por isso, entender sua própria vocação e seu chamado para o desempenho do papel de professor deve estimulá-lo a um preparo espiritual e acadêmico constante, para honra e glória Daquele que o vocacionou.

Professora Márcia Regis
Gerente dos Sistemas
de Ensino Mackenzie

Capelania



Pr. Dinart Barradas
Instagram: @gfibrazil

EU ME RECUSO A NÃO FLORESCER!

Em meados dos anos 1980, o pastor e professor Amaury de Souza Jardim publicou o livro “Primeiro as Flores”. Este título foi retirado de um artigo do mesmo autor, no qual ele falava da precedência das flores em relação aos frutos.

Lembrei-me deste livro ao ter minha atenção capturada por um cenário ao mesmo tempo desolador e inspirador durante uma viagem num mês de setembro, alguns anos atrás. A longa estiagem pela qual passava o Brasil, principalmente o estado de São Paulo, criou uma paisagem completamente diferente daquela que apreciamos quando cruzamos as cidades do interior paulista. O nível dos rios estava impressionantemente baixo; a vegetação rasteira e colorida foi trocada por um dourado opaco, mistura da secura com poeira; plantações inteiras destruídas, umas por queimadas espontâneas outras por queimadas criminosas...

O cenário que me fez parar o carro e ficar minutos meditando à beira da estrada era de uma área afetada por uma dessas queimadas. A vegetação característica do semicerrado estava praticamente destruída, o chão coberto de cinzas e tocos, alguns ainda fumegantes. Mas, em meio ao caos dominante, meus olhos atentaram para as árvores que margeavam a estrada. Ipês roxos, cujos caules estavam carbo-

nizados, ostentavam nos galhos mais elevados uma florada exuberante. Confesso que me emocionei diante do contraste entre as cinzas e o carvão do roxo profundo das flores que brilhavam sob o sol daquela manhã.

Este quadro era terrivelmente real e sofrido, mas ele não era o todo do cenário. Havia mais que precisava ser visto e considerado, mas que não estava ao alcance dos olhos. E esta foi a lição que recolhi naquela visão. Os caules daqueles ipês estavam queimados, não suas raízes, nem os veios mais internos daqueles troncos. O fogo não atingiu o cerne daquelas árvores. Não foi na profundidade, não atingiu o seu interior. Feriu-os por fora, mas não os destruiu por dentro. Como dizia o velho apóstolo: “Ainda que nosso homem exterior se corrompa, nosso homem interior se renova a cada dia.”

Abaixo do que se podia ver, as raízes encontraram substância e vida. Elas penetraram a terra em busca do que garantiria a sobrevivência da árvore no ardor da queimada ou ausência das chuvas - e conseguiram. É possível que, como aquelas árvores, você tenha sua casca consumida, mas seu homem interior é incorruptível, pois carrega a seiva divina que o próprio Criador faz circular em você.

Quando olhei para aquelas flo-

res, foi como se cada uma daquelas árvores estivesse mandando um recado para a estiagem e para o fogo: “Eu me recuso a não florescer. Arda em mim fogo, retire meus recursos estiagem; ainda assim florescerei!” Foi o que disse Jó em meio as adversidades pelas quais passava: “Ainda que envelheça a sua raiz na terra, e morra o seu tronco no pó, contudo ao cheiro das águas brotará, e lançará ramos como uma planta nova.”

Aos meus olhos elas lançavam não só um desafio às circunstâncias, mas uma mensagem de que outra estação estava para chegar e com ela viriam mais flores e, logo depois, os frutos. Ainda que demorada, a chuva virá. Ainda que não pareça, os rios novamente encherão, e até o que foi queimado pelo fogo novamente brotará. É o ciclo da vida. É a ordem do Criador. E assim será com você caro leitor. Sua Primavera chegará!

Algumas pétalas roxas se espalhavam pelo chão em meio a toda aquela cinza e madeira carbonizada. Elas suavizavam e cobriam de esperança o ambiente destruído e sem vida. Permita que em meio a tudo que você esteja passando, um pouco da fé que há em você traga beleza e esperança para o cinza que te cerca.

Feliz Primavera!

Escola

Escola cristã: ambiente de amor, respeito e sensibilidade

"Ainda que tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, se não tivesse amor, nada seria". (1 Cor. 13.2)



**Débora
Bueno Oliveira**

Consultora e Assessora Educacional. Graduada em Letras e Pedagogia. Mestre em Educação. Exerceu funções de Professora, Coordenadora e Diretora Escolar.

Em João 13, versículo 35, lemos que "todos saberão que são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros". Portanto, a melhor maneira de uma escola ser reconhecida como cristã é colocando em prática sua capacidade de amar e ensinar a amar o próximo.

Como amar e demonstrar amor ao próximo em um ambiente complexo, dadas as suas características de pluralidade, de conflitos nos relacionamentos, de intencionalidade pedagógica, de mudanças rápidas e tantas exigências sociais?

Primeiramente, colocando-se no lugar da outra pessoa, entendendo suas necessidades e dificuldades e oferecendo ajuda. Agir para o bem do outro sem esperar nada em troca.

Isso será possível, exercitando a linguagem do amor:

- Sendo gentil com todos que encontrar pelo caminho;
- Respeitando os outros, apesar das adversidades;

- Desenvolvendo a empatia com o próximo;
- Sendo voluntário e contribuindo com causas nas quais acredita;
- Compartilhando o bem, sendo disseminador de boas palavras.

Escolas cristãs devem ter como objetivo uma educação transformadora, crítica, ética, voltada para a formação do cidadão. Devem aspirar que seus educandos saibam lidar com mudanças rápidas e as novas exigências da sociedade tecnológica sem se desumanizarem, priorizando os vínculos afetivos, principalmente reconhecendo a sua total dependência como criatura na relação com o seu Criador; preparando seu educando para que seja capaz de desenvolver relacionamentos pessoais responsáveis, ternos e respeitosos, com Deus, consigo mesmo e com o outro.



Escolas cristãs precisam ter como meta, encorajar o estudante a desenvolver espírito de cooperação, solidariedade, autodisciplina, respeito próprio, respeito ao outro como criatura de Deus, assumindo de forma consciente suas responsabilidades e participação na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

De pouco adianta o processo educacional trabalhar a racionalidade do aluno se os valores - o que importa na vida - não é voltado para o desenvolvimento da sua sensibilidade.

Diversas áreas exigem o desenvolvimento da sensibilidade - uma faculdade cognitiva, por meio da qual se conhecem os valores, ou seja, o que vale para o ser humano. Algumas delas são:

- A sensibilidade para cuidar de seu próprio físico.
- A sensibilidade para a verdade.
- A sensibilidade para a beleza.

- A sensibilidade para o moral para o bem.
- A sensibilidade para o sagrado, para o transcendente.
- A sensibilidade para o valor do símbolo.
- A sensibilidade para o outro.

Uma das características do processo educacional moderno-contemporâneo é seu apego a uma perspectiva materialista da realidade. Ao longo de muitos anos, a educação tem sido pensada e efetivada a partir da premissa básica de que a materialidade é tudo o que há, sendo ela própria o ponto de partida para uma compreensão adequada da realidade.

No entanto, há poucos anos, ao estabelecer os princípios fundamentais para a educação no século XXI, a UNESCO reconheceu a crise de valores morais em que vivemos, apontando como condição para a superação da mesma, a ultrapassa-

gem da “tensão entre o espiritual e o material” (DELORS, 1999, p. 15).

Segundo o relatório da Comissão internacional sobre Educação para o século XXI, “cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos (...) esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo” (DELORS, 1999, p. 15-16).

Segundo esse Relatório, “Aprender a conviver” é reconhecer o valor das relações pessoais que levam à compreensão do outro e à percepção das interdependências; proporcionando um ambiente que fortaleça o respeito por valores, como a compreensão mútua e a paz. E “Aprender a ser” que se apresenta na valorização do indivíduo como um todo, auxiliando-o na capacidade pessoal de tomar decisões com discernimento, considerando todas as suas

potencialidades como pessoa complexa, ou seja: memória, raciocínio, senso estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Escolas cristãs sabem que “O que atenta para o ensino acha o bem, e o que confia no Senhor, esse é feliz. O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber”. (Pv 16.20 e 21), por isso entendem que a educação norteada pela concepção bíblica de sociedade implica em desenvolver uma cultura que considere Deus seu fundamento, amor e verdade, bem como, em cultivar valores e princípios que conduzam o ser humano a um relacionamento saudável com seu Criador, consigo mesmo, com o próximo e com o ambiente no qual está inserido. O processo educacional, nessa perspectiva, tem por objetivo a formação integral do ser humano, associando saberes teóricos a saberes práticos, considerando os valores e princípios ético-morais presentes na cultura cristã.

Dessa forma, a formação integral do ser passa também por educar para a sensibilidade. E sensibilidade, geralmente, está associada à arte e, na esfera do ensino, arte e educação se completam.

Se considerarmos as definições comumente encontradas nos dicionários, teremos que “Arte é um fenômeno eminentemente humano, através do qual damos sentidos e significados ao mundo que nos rodeia”; enquanto “Educação é a aplicação de métodos próprios para assegurar formação e desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino”.

Nesse contexto, a arte, e seu fazer artístico, não pode ser entendido nem limitado ao simples papel

“

*Escolas cristãs
devem ter como
objetivo uma
educação
transformadora,
crítica, ética,
voltada para a
formação do
aluno-cidadão*

”

recreativo, mas deve ser compreendida como instrumento pedagógico que viabiliza e contribui para o desenvolvimento dos alunos que ampliam seus olhares em relação ao mundo, seu potencial cognitivo, seu emocional e seus relacionamentos intra e interpessoal.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais na proposta da área de Artes, para o Ensino Fundamental, dizem que: a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas. Por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.

A Dra. Maria Teresa E. Mantoan (2003), afirma que, “ambientes humanos de convivência e de aprendizagem são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a

educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno – segundo suas capacidades e talentos – e de um ensino participativo, solidário, acolhedor”.

Se entendermos, assim, a escola como ambiente de convivência plural e a formação integral como imprescindível para um ensino solidário e acolhedor, bem como o papel e a contribuição da arte e da sensibilidade na esfera educacional, faz-se necessário recordarmos as diferentes visões de ensino e aprendizagem que já foram percebidas, ao longo da história, a saber: (a) da cultura grega, recebemos a ênfase dada à racionalidade e, conseqüentemente, ao conhecimento intelectual; (b) houve, ainda, a fase de valorização da memória, conseguir memo-



rizar dados e extensos textos, era tido como sinônimo de inteligência; (c) caminhamos depois no sentido da supervalorização da “construção” do conhecimento e desdobramentos acarretados pelo entendimento de que a organização do pensamento, o processo cognitivo, as técnicas de transmissão de informações e o uso da tecnologia na aprendizagem eram importantes no processo de construção não apenas do conhecimento, também na construção do sujeito; para, finalmente, chegarmos a uma nova constatação; (d) é necessário educar a sensibilidade, é fundamental desenvolver a capacidade do aluno de perceber-se e perceber o outro e o mundo à sua volta.

Entre os saberes (ou inteligências) exigidos no novo milênio está a inteligência emocional. Segundo Daniel Goleman, em seu livro: *Inteligência Emocional – A Teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente* (2011). “As emoções, (...), são importantes para a racionalidade. Na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando — ou incapacitando — o próprio pensamento.”

Ainda segundo Goleman (2011): A questão é: como podemos levar inteligência às nossas emoções, civilidade às nossas ruas e envolvimento à nossa vida comunitária?

O ensino de Artes, se constitui em importante instrumento para que os alunos compreendam a si mesmos e aos outros, compreendam a sua própria realidade, na expressão de seus sentimentos, emoções, desejos e projetos, contribuindo para sua autonomia pessoal e social. Contribui, ainda, para o conhecimento físico, biológico,

lógico-matemático, químico, da linguagem oral, escrita, entre outros, tão necessários na idade adulta.

Essa afirmação pode ser corroborada pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que dentre as competências definidas como alvo da Educação Básica, está a de nº 4 que diz: o aluno deve utilizar diferentes linguagens, para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Ruben Alves, em seu livro “A arte de educar” nos diz que: A primeira tarefa da Educação é ensinar a ver (...). A educação se divide em duas partes: educação das habilidades e educação das sensibilidades. Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido. Os conhecimentos nos dão meios para viver. A sabedoria nos dá razões para viver.

O desenvolvimento do ser integral e integralmente realizado, alvo da educação, pressupõe que todos os aspectos constitutivos do ser humano precisam ser considerados ao se estabelecerem as áreas a serem trabalhadas com os alunos. Por isso, é importante lembrar que a educação da sensibilidade não invalida o conhecimento intelectual, as abstrações da filosofia, as relações causais da ciência, a utilidade da tecnologia, mas abre uma nova frente, um novo campo a ser explorado pelos que se dedicam à educação. É essencial para amar o próximo, ter compaixão, empatia; lembrando que empatia é a habilidade de conhecer as emoções dos outros.

Somente conseguiremos reconhecer os sentimentos dos outros quando formos capazes de conhecer as nossas próprias emoções – as

raízes dos nossos instintos de preservação, de defesa, de fuga, de ataque... Ou seja, precisamos estar emocionalmente conscientes para, então, podermos “ler” os sentimentos dos outros.

Que nas escolas cristãs, seja possível encontrar esse ambiente de amor, sensibilidade e respeito, conforme nos recomenda o apóstolo Paulo escrevendo aos tessalonicenses: “E o Senhor vos aumente, e faça crescer em amor uns para com os outros, e para com todos, como também o fazemos para convosco”. (1 Tes. 3:12)

“

Somente conseguiremos reconhecer os sentimentos dos outros quando formos capazes de conhecer as nossas próprias emoções

”



Gestão

Aumentar a mensalidade das escolas particulares é inevitável e necessário

Educação de qualidade exige investimentos e gera mais do que apenas satisfação: custos e despesas!



Raquel Tiburski

Diretora de Marketing e Vendas do Diário Escola. Especialista em Formação Pedagógica de Professores. Tem mais de 20 anos de experiência de atendimento ao cliente.

www.diarioescola.com.br

Embora possa impactar o orçamento familiar, reajustar a mensalidade escolar é fundamental para garantir a qualidade do ensino.

POR QUE ISSO É IMPORTANTE

Sobretudo, as escolas particulares precisam de recursos para manter sua infraestrutura, investir em professores qualificados, oferecer programas extras e manter seus recursos integrados e atualizados. Por isso, comunicar de forma antecipada o aumento da mensalidade escolar é essencial.

Nesse sentido, uma dica de ouro para superar o desafio que é aumentar a mensalidade escolar é aprovei-

tar o sistema de gestão escolar para organizar, facilitar e agilizar a comunicação. Vamos lá! Veja mais 4 dicas para tornar este processo mais fácil e transparente.

1. Introduza serviços adicionais

Anualmente, muitos alunos buscam oportunidades de preparar para o ENEM e tirar a melhor nota possível. Que tal aproveitar os finais de semana sem eventos na escola para oferecer aulas preparatórias? Esse é um bom exemplo de valor que pode ser incorporado à mensalidade.

Da mesma forma, lembre-se de que melhorias na infraestrutura tecnológica e física também devem ser

consideradas, uma vez que impactam diretamente na qualidade do ensino.

Contudo, é essencial que as obras estejam em andamento ou prestes a começar e que os recursos tecnológicos estejam disponíveis ou prestes a serem disponibilizados, para justificar o aumento aos pais.

2. Comunique de forma eficaz e transparente

Após calcular o índice de reajuste, a melhor estratégia é comunicar o aumento da mensalidade com antecedência. Utilize todos os canais de comunicação da escola e alinhe a sua equipe de profissionais para informar e responder sobre o reajuste da mensalidade escolar, de forma rápida e transparente. Adote uma linguagem clara, simples e objetiva.

Ferramentas de gestão da comunicação escolar ajudam nesse processo de reter e captar novos alunos. Afinal, a tecnologia garante agilidade e eficiência na hora de informar as famílias e, dessa maneira, oportunizar mais tempo para que possam se preparar financeiramente.

3. Adote uma gestão escolar integrada

Contar com um sistema de gestão integrado facilita o processo de aumentar a mensalidade e ajuda a gerenciar a inadimplência. Nesse sentido, a colaboração e a integração entre o setor financeiro e a administração pedagógica, por exemplo, são essenciais para o processo de reajuste.

Sem dúvida, a gestão integrada permite uma visão completa da operação da escola. Por isso, investir em tecnologia contribuir não só para a tomada de decisões relacionadas às mensalidades, mas tam-



O segredo para aumentar a mensalidade de forma bem-sucedida está no planejamento cuidadoso e na comunicação transparente



bém nas demais questões da gestão escolar (financeira, pedagógica e comunicação).

4. A satisfação de toda a comunidade escolar

Integrar tecnologia e inovação de um superaplicativo de educação à gestão escolar é um diferencial eficaz para atender às necessidades e expectativas de pais, responsáveis, profissionais da escola e estudantes.

Além de organizar e facilitar o dia a dia das instituições de ensino, torna possível garantir um proces-

so de reajuste de mensalidades mais bem-sucedido e a satisfação da comunidade escolar. Veja como:

BENEFÍCIOS PARA PAIS E RESPONSÁVEIS

Ofereça transparência total sobre o valor das mensalidades com um canal de comunicação direto. Compartilhe informações detalhadas sobre o aumento das mensalidades, esclareça dúvidas e receba feedback dos pais e responsáveis, na palma da mão. Tarefas fáceis e simples de executar

com um superApp de educação e gestão, que demonstram compromisso com a qualidade do ensino e com a satisfação da comunidade escolar.

VANTAGENS PARA PROFISSIONAIS DA ESCOLA

Simplifique a gestão escolar e libere tempo e recursos para que os educadores se concentrem na excelência educacional. Oportunize aos profissionais da escola acesso fácil a ferramentas eficientes para a gestão financeira, pedagógica e de comunicação, como o superApp Diário Escola. Um sistema de gestão educacional que automatiza processos administrativos e financeiros, como a assinatura eletrônica do contrato escolar, por exemplo.

MELHORIA PARA ESTUDANTES

Investir em inovação viabiliza a atualização de recursos tecnológicos e pedagógicos e, também, me-

“

Integrar tecnologia e inovação, portanto, é um alinhamento estratégico em direção a uma gestão escolar mais eficiente e inteligente.

”

lhora a experiência e a aprendizagem dos alunos. Um superaplicativo da educação e gestão escolar possibilita um ensino mais interativo e envolvente. Ao mesmo tempo, demonstra que aumentar a mensalidade escolar não é apenas uma

questão de cobrir custos, mas também de enriquecer a experiência dos alunos.

LEMBRE-SE: O segredo para aumentar a mensalidade de forma bem-sucedida está no planejamento cuidadoso e na comunicação transparente. Com a ferramenta certa, sem dúvida, esses processos são mais eficazes e garantem a saúde financeira da escola, a qualidade da Educação e a satisfação dos pais.

Integrar tecnologia e inovação, portanto, é um alinhamento estratégico em direção a uma gestão escolar mais eficiente e inteligente.

Por isso, adotar um superaplicativo de educação e gestão ajuda a informar e manter satisfeitas todas as partes envolvidas durante o forçoso e indispensável processo de aumentar a mensalidade escolar.



Psicologia



O “Milagre” da Multiplicação de Laudos e Diagnósticos de autismo

A Escola e a Família diante dos desafios do Neurodesenvolvimento



André Aragão Viana

*Palestrante, Psicólogo,
Especialista em
Desenvolvimento Humano.
Pós Graduando -
Neuropsicologia.
Master Speaker / Inst. Gente*

@andrearagaoviana

Há alguns dias fui interpelado por colegas de trabalho sobre uma escola, no interior do estado do Rio de Janeiro, que haveria apresentado, aproximadamente, 50 novas crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse número alarmante me fez pensar sobre algo crucial, nestes tempos modernos e de excesso de informação: O que estaria acontecendo? Um superdimensionamento diagnóstico ou aumento real no número de casos?

Diante dessa inquietação e desses questionamentos, convido você a tentar responder essas questões até o final deste artigo.

Primeiro gostaria de ponderar sobre o panorama histórico dos transtornos do neurodesenvolvimento usando o TEA como exemplo. Muitas vezes, esquecemos que estamos navegando em mares

totalmente desconhecidos, ou, na verdade, mal saímos do porto desse complexo mundo do neurodesenvolvimento humano. Em Junho deste ano faleceu o primeiro paciente diagnosticado com autismo (distúrbio autístico do contato afetivo-1938), chamava-se Donald Grey Triplett, e sua história ficou famosa devido a forma como a pequena cidade que morava tomou em relação à família Triplett, acolhendo integralmente o pequeno Donald e caminhando junto com ele em seu crescimento, sem nenhum preconceito contra a sua forma de agir ou pensar. O maravilhoso dessa história é que Donald chegou à velhice sem que nenhuma porta tivesse sido fechada para ele ou para sua singular forma de viver na sociedade em que crescia.

Fica claro como a neurociência está apenas engatinhando no seu



*Donald Grey Triplett,
o chamado “caso 1”
do Transtorno
do Espectro do
Autismo (TEA).*

Foto: Família Triplett

percurso científico e que estamos apenas na primeira geração de estudos sobre os problemas e desafios nos transtornos do neurodesenvolvimento. Diante disso, precisamos ter, no mínimo, uma dose aguçada de humildade e paciência quando deparamos em nossa caminhada, familiar ou educacional, com situações similares à história de Donald.

Mas, por que em menos de 70 anos ocorreu uma explosão de casos? Segundo a pesquisa realizada em 2018 no artigo *Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among US Children and Adolescents*, os diagnósticos de TEA aumentaram 600% nos últimos 10 anos. Em 2018, estimava-se 1 caso para cada 39 pessoas, após novas pesquisas em 2022, estima-se 1 caso para cada 30 pessoas. Seria como se, em cada sala de aula, tivesse pelo menos um aluno dentro do espectro autista e alguns outros alunos com outras dificuldades neurocognitivas.

Um fator significativo para o aumento do número de casos na última década se deve também ao fato de que a implementação do DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* criado pela Associação Americana de Psiquiatria), foi acrescentado ao diagnóstico de TEA outros transtornos, como a síndrome de Asperger, o transtorno Desintegrativo da Infância (TDI) e o Transtorno Geral do Desenvolvimento (TGD), aumentando consideravelmente o número de casos. Mas, isso não explicaria o porquê dos casos continuam aumentando.

Estudos mais recentes confirmam a predisposição genética do autismo, como também enfatizam que uma porcentagem considerável, entre 3% a 4% dos casos, estariam diretamente ligados ao ambiente fetal onde algumas situações se tornaram importantes fatores

“

A neurociência está apenas engatinhando no seu percurso científico e que estamos apenas na primeira geração de estudos sobre os problemas e desafios nos transtornos do neurodesenvolvimento.

”

de risco, tais como: prematuridade, malformações cerebrais, cardiopatias congênitas ou doenças cerebrais por exposição às drogas durante a gestação.

Então, retornando ao nosso questionamento inicial, estamos vivendo essa escalada do aumento do número de casos devido a uma melhora diagnóstica ou devido a um real aumento quantitativo no número de casos? O que percebemos na prática hoje em dia, é que as duas situações são verdadeiras e estão acontecendo ao mesmo tempo. Me arrisco a dizer que existe ainda uma terceira causa, a falta de conhecimento acerca dos critérios diagnósticos, empurrando famílias inteiras para dúvidas que não precisam existir se estivessem sendo expostas a profissionais da saúde e da educação devidamente capacitados para aplacar as angústias e a ansiedade de uma família que carece de apoio em seus desafios diários no percurso neuropsicológico dos seus orientandos.

Sim, infelizmente, e tratando-se de um assunto tão novo na área da

neurociência, profissionais e familiares ainda desconhecem os critérios que definem (ou não) se uma pessoa se encaixa dentro de um transtorno do neurodesenvolvimento. Costumo dizer que o diagnóstico não pode ser apenas uma foto, registrando um único momento, mas sim um filme que situa episódios de dificuldades neuropsicológicas dentro de uma história de vida.

Dessa forma, o papel da Investigação Diagnóstica vai muito além da exclusão, ou não, de déficit intelectual ou limitações físicas cognitivas, pois com o mapeamento das funções mentais relacionadas com a aprendizagem é possível traçar um perfil característico do indivíduo em relação aos seus próprios desafios e dificuldades. Este perfil neuropsicológico traçado lança o indivíduo a comparar-se consigo mesmo e rechaça um diagnóstico unilateral equivocado e friamente de natureza quantitativa que o compara aos outros de acordo com critérios estatísticos que nem sempre expressam a sin-

gularidade neuropsicológica do sujeito em questão.

O que fazer então diante deste maravilhoso mundo novo neuro divergente? Quando existe uma criança com singularidades neurofisiológicas, seja na família ou na escola, esta não irá necessariamente causar transtornos, mas a ocorrência destes dependerá de múltiplos fatores, desde as crenças dos educadores e pais até os recursos do ambiente em lidar com a situação.

Por isso, independente do aumento ou não quantitativo do número de casos, a família, a escola e a sociedade, como um todo, devem estar preparadas para um nível de acolhimento que leve este sujeito de um nível de amplitude cognitiva menor para um nível de amplitude cognitiva cada vez maior, em meio a significativas relações de afeto que realmente o afirmam como um filho de Deus com um papel essencial em nossas vidas, e não apenas como um número estatístico preso a rótulos de um diagnóstico.



“

Profissionais e familiares ainda desconhecem os critérios que definem, ou não, se uma pessoa se encaixa dentro de um transtorno do neurodesenvolvimento

”



Os desafios de uma educação por princípios



João Ricardo Pereira

Graduado em administração e teologia; Pós-graduado em gestão de pessoas e liderança; pós graduado em docência do ensino superior; pós graduando em neurociência e comportamento

admjoaoricardopereira@gmail.com

Ao observar o contexto atual, logo nos lembramos do texto de Ezequiel 37 (O vale de ossos secos). É uma realidade desafiadora, complexa, e cheia de percalços. Muitos gestores e professores, que atuam na ponta principal da escola, encontram dificuldades no gerenciamento de suas escolas e respectivas salas de aula, principalmente por questões disciplinares, que geram impactos nos aspectos pedagógicos/metodológicos. E essas questões disciplinares parece se acentuar nos últimos anos do 2º segmento do Ensino Fundamental e primeiros anos do Ensino Médio.

Nossos discentes chegam ao ambiente escolar trazendo consigo todas as suas dores, histórico familiar, muitas vezes com traumas e experiências negativas pelo desenhado de sua estrutura familiar, que é a primeira base de valores de qualquer indivíduo. É sabido que quando a conjuntura familiar não é sa-

dia, a tendência é que isso se irradie na educação dos filhos.

O contexto de problematização de uma educação por princípios é esse, sendo sua proposta clara: resgatar valores! Se tratando da primeira infância, a proposta é que desde criança haja uma construção de valores sadios que será reproduzido em todos os ambientes por onde essa criança estiver, sendo ela, autora dos seus processos emocionais, criando assim, identidade e posicionamento.

Quando falamos da criança e adolescentes, a ideia não é “substituir” a família, pois isso seria impossível; e sim, ressignificar experiências traumáticas através de uma abordagem metodológica própria e bem estruturada, composta em seu eixo norteador por 7 princípios: Aliança, caráter, mordomia, autogoverno, semear e colher, individualidade e soberania.

Como falado anteriormente, estes 7 princípios são norteadores, objetivos a serem alcançados através de cada etapa a ser desenvolvida, com um amplo propósito de não apenas formar bons profissionais, mas, principalmente, que esses bons profissionais tenham valores e saibam lidar de forma sistemática com os percalços do mercado de trabalho.

Falamos então de aspectos cognitivos e comportamentais. As principais metodologias de ensino se preocuparam em construir conteúdos que atendessem uma qualidade cognitiva, o que é extremamente válido e salutar, porém, a abordagem de educação por princípios (AEP), como é chamada atualmente a educação por princípios, é mais ampla e completa, pois, se aproveitou dos melhores conteúdos, e os trabalhou à luz dos princípios, de forma lúdica e didática, não perdendo em nada a qualidade de entrega e desenvolvimento, fazendo assim com que cada aluno cresça em aspecto cognitivo e se desenvolva na questão comportamental, assim como Jesus, que crescia em graça e sabedoria, diante de Deus e dos homens (Lucas 2:52).

A AECEP é a entidade responsável pela Abordagem Educacional por Princípios no Brasil, para formação de competência com caráter cristão.

Conforme apresentada por Rosalie J. Slater (The Principle Approach – F.A.C.E. – Foundation for American Christian Education, EUA), que definiu e estruturou a Abordagem Educacional por Princípios como sendo “um método cristão histórico de raciocínio bíblico, que faz das verdades da Palavra de Deus a base de cada assunto no currículo escolar”.

“Baseia-se na aplicação de quatro passos: Pesquisar, Raciocinar,



Deus nos conecta a pessoas, e pessoas nos conectam a propósitos.



Relacionar e Registrar, para promover o raciocínio com padrões cristãos e a expansão do entendimento”.

O sistema educacional baseado na Abordagem Educacional por Princípios integraliza filosofia (o porquê), currículo (o quê) e metodologia (o como) cristãs.

Gênesis 1:1 começa declarando: “No princípio criou Deus os céus e a terra” [...]. A palavra tradução de princípio no hebraico (língua original em que foi escrito o Antigo Testamento) seria “bereshit”, expressando “no princípio” como algo muito maior, não apenas no princípio, sendo uma questão de tempo; mas também, “em um princípio”, que no entendimento judaico seria o princípio da aliança.

Por isso, a primeira declaração bíblica atribui a Deus a característica de criador, sendo a terra o palco onde criador e criação se encontraram. Não obstante, a palavra criar, em sua tradução hebraica, seria “bara”, não apenas para indicar uma criatividade, mas também para ratificar essa criatividade indicando que Deus criou o universo do nada, ou seja, Deus não usou nenhuma matéria pré existente.

Gênesis 1:26 vai declarar: “Façamos o homem conforme nossa imagem e semelhança”. Sem adentrar em questões teológicas, que não é o foco deste artigo, entendemos ainda alguns aspectos importantes:

1. Somos as primícias das mãos de Deus, pois tudo Ele fez por uma palavra. Exemplo: “Haja luz, e houve luz”. Mas a nós, seres humanos, Ele fez questão de criar com suas próprias mãos.

2. A expressão “imagem e semelhança” não diz respeito ao corpo, e sim, ao espírito, elemento mais profundo de um indivíduo, que é o que nos conecta a Deus, pois Deus é espírito, como declara João 4:24.

3. Ao recebermos o fôlego de vida, este veio através de um sopro, e esse sopro colocou em nós (espírito) as características divinas.

Portanto, a AEP é uma proposta abrangente que veio resgatar os valores, especialmente no seio da família; proporcionar uma mudança individual, de dentro para fora; e coletiva, principalmente no âmbito cultural da sociedade, sem nenhum tipo de viés ideológico.

Por isso, se torna extremamente relevante um alinhamento de identidade e comportamento. Esse alinhamento fala de agir conforme sua essência; não tentar ser quem não é; não agir por impulsividade, mas por raciocínio. Ter clareza quanto aos objetivos, pois quando se sabe quem é, não se confunde com o que outros dizem. Deus nos conecta a pessoas, e pessoas nos conectam a propósitos.

Referências

- Bíblia Sagrada
- aecep.org.br



Márcia Poletti

Diretora •
Colégio Oficina
Joinville / SC

Um filme: Corajosos • **Um livro:** a Bíblia

Uma frase: “ Nem olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam.” 1 Coríntios 2:9.

Uma música: Ninguém explica Deus

Dica de viagem: Ilhas Maldivas



Helen Diane Carreiro

Diretora Pedagógica
Colégio Presbiteriano
LES • Bauru / SP

Um filme: Corajosos - A honra começa em casa

Um livro: A experiência da mesa - Devi Titus

Uma frase: O coração de uma criança é de quem chegar primeiro.

Uma música: Bondade de Deus - Isaias Saad

Dica de viagem: Gramado/RS, especialmente na época de Natal.



Aparecida da Silva Nascimento

Diretora
Colégio Batista
Independente
Ribeirão Preto / SP

Um filme: "E o vento levou"

Um livro: a Bíblia

Uma frase: Viva, com alegria, o dia de hoje.

Uma música: O céu é mais doce para mim.

Dica de viagem: Gramado e Canelas (RS)



Livia Heringer Pevidor Dias

Diretora Administrativa
Escola Arca Educa
Vitória / ES

Um filme: A estrela de Belém

Um livro: O Segredo Do Contentamento - William B. Barclay

Uma frase: Adoração não é só fazer o que agrada a Deus, mas agradecer-se o que Deus faz.

Uma música: Isaías 53 (Projeto Sola)

Dica de viagem: Ouro Preto e Mariana /MG

PROSPECTA
SUMMIT
2024

QUEREMOS OUVIR
A SUA OPINIÃO

Ajude a organizar mais um
ano desse super encontro
100% preparado para gestores
de escolas cristãs

Envie sua opinião



Bene:)

Formação Ética
e Socioemocional

É a solução educacional
para a formação de
competências
socioemocionais
e ética.



@programabene

programabene.com.br

contato@programabene.com.br

☎ 31 3429.7390